**ATIVIDADE: Assinalar as anáforas no 1.º parágrafo do texto**

 Um dia em que andava a trabalhar na floresta, Ali Babá notou uma nuvem de poeira no vale, entre as oliveiras. Era uma coluna de cavaleiros que surgiu na base do outeiro, no atalho que ele tinha seguido. «Vão passar por aqui não tarda nada», disse Ali para si mesmo. «Quem serão eles? Honestos viajantes? Salteadores de estrada?... Seja como for, quando eles aqui chegarem será tarde para saber!»

 E decidiu esconder-se. O seu burro, a pastar por aqui e por ali, tinha-se afastado e já não se avistava. Ali optou por não o chamar, atravessou umas moitas e subiu para o alto de um cipreste muito frondoso. No seu entender, era tempo de deixar a caravana passar.

 Mas qual não foi o seu espanto quando, pouco depois, os cavaleiros pararam as suas montadas mesmo por baixo dele! Ficou a observá-los sem se mexer. Debaixo do umbaz, a larga capa que os envolvia, adivinhavam-se armas afiadas. «É, sem dúvida, um bando de salteadores!», concluiu Ali para si mesmo. Contou exatamente quarenta, e não se encontrava lá muito seguro, escarranchado sobre um ramo.

 Os homens desamarravam os alforges que pendiam das selas dos seus cavalos. Um deles, afastando umas ramagens, chegou junto de uma saliência rochosa que se erguia, abrupta, mesmo ao pé da árvore de Ali. E o lenhador ouviu-o gritar:

 – Abre-te, sésamo!

Extraído de *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*

(Adapt. de António Pescada para a Língua Portuguesa, Porto Editora, 2019)